

COMUNICAÇÃO: ESTÉTICA E POLÍTICAS DO CORPO

Gabriela Machado Ramos de Almeida (ULBRA)

Jorge Cardoso Filho (UFRB/UFBA)

A consolidação dos estudos dedicados a pensar as Estéticas da Comunicação e a Experiência Estética no Brasil proporcionou a criação de espaços específicos em congressos, bem como se refletiu no aumento quantitativo e qualitativo de trabalhos dedicados a questões como as relações entre o sensível e o comunicacional, a centralidade do afeto para a compreensão dos fenômenos do mundo histórico no presente e discussões de ordem epistêmica e metodológica relativas às interseções entre o campo da Estética e o da Comunicação. Em termos retrospectivos, desde os anos 1990 essa interface vinha sendo explorada na pesquisa e no ensino no país, por diferentes pesquisadores, fosse em disciplinas nos cursos de graduação e pós-graduação (em nomes como Estéticas da Comunicação, Estética e Indústria Cultural etc.) ou nos eventos da área. Os primeiros livros sistematizando as reflexões produzidas emergem como publicações a partir dos anos 2000, em livros autorais de Monclar Valverde e Luis Mauro Sá Martino ou em coletâneas, organizadas por vários núcleos de pós-graduação distintos, sobretudo da UFMG e UFRJ, mas também da USP e UERJ.

Parte da necessidade de reflexão sobre o tema estava, aparentemente, associada às configurações que se estabeleciam com o universo da Internet e das práticas culturais digitais, extremamente em voga nos anos 1990 e que gerou debates sobre a estética e as tecnologias de comunicação, suas capacidades de reconfiguração da percepção e das formas de sentir e perceber - já presentes em ensaios de Walter Benjamim e de Marshall McLuhan, mas também de outros autores do campo da Antropologia da Técnica.

Houve também um âmbito de debate que se estabeleceu a partir da tradição da filosofia pragmatista, fruto da tradução de dois livros para o português. Um pela editora da UNICAMP, *Estética da Comunicação: além da pragmática*, de Herman Parret, no qual o debate sobre a sensibilização do social e a socialização do sensível se estabelece mediante uma revisão filosófica da Estética Continental; e *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*, de Richard Shusterman, publicado pela Editora 34,

cuja crítica ao legado clássico continental é feito por uma via pragmatista, em diálogo com John Dewey, Richard Rorty e Stanley Cavell.

É curioso, entretanto, que esse campo de reflexão que se consolidou em diálogo com o pragmatismo norte-americano tenha incorporado de maneira tão tímida discussões caras aos intelectuais daquele contexto, como os debates sobre gênero, sexualidade e questões étnico-raciais. Se os programas de disciplinas que estabelecem diálogo entre Estética e Comunicação forem objeto de pesquisa, será possível verificar de maneira mais decisiva o quanto esses temas (não) apareceram nas discussões travadas no período.

Foi preciso uma maturação para que se verificasse um maior interesse do campo pelas políticas do corpo e da diferença (incluídas aí questões de gênero, sexualidade, corpo, raça, etnia e classe, de forma interseccionalizada), em diálogo com a intensificação de militâncias político-identitárias e o agendamento de temáticas relacionadas à afirmação e aos direitos de grupos minoritários nas mídias. Tal movimento vai ser observado, no Brasil, a partir do final dos anos 2000, na incorporação da abordagem biopolítica à Comunicação, mas também com a revalorização dos Estudos Culturais e seus imbricamentos com o campo da experiência estética - não mais pensada como um fenômeno restrito ao universo das belas artes e belas letras, mas às práticas cotidianas de forma mais ampla e democrática.

Associados aos estudos sobre o impacto sóciotecnológico da Internet e das então chamadas novas mídias, houve também o crescimento de pesquisas voltadas a discutir o corpo a partir de chaves como pós-humano, corpo-mídia, estéticas tecnológicas e da ideia do próprio corpo como suporte, entre as quais se destaca o trabalho de Lucia Santaella, na PUC-SP. Esses estudos ganham força à luz das teorias da Cibercultura e da tradução para o português do *Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, de Donna Haraway, publicado originalmente em 1985 e lançado no Brasil quinze anos depois, no livro *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, da editora Autêntica.

Em paralelo, se consolidam também pesquisas que buscam colocar em questão as representações do corpo nas mídias e seu caráter essencialmente prescritivo, especialmente na televisão e nos veículos impressos, com análises sobre as relações entre corpo

e esporte, moda e estética - entendida nesse caso não como disciplina de estudo, mas como conjunto de regras sociais que definem, em determinadas épocas, padrões aceitáveis de apresentação do corpo, especialmente o feminino. Esses estudos investigam também os impactos desse caráter prescritivo no processo de produção de sentidos e de padrões de inteligibilidade, bem como na reificação de imaginários relativos à norma - branca e heteronormativa - e a construção do que se situa fora dela como abjeção. Se destacam aí as contribuições de Nísia Rosário na produção de uma interface entre os estudos sobre o corpo e a Semiótica.

No entanto, nos parece que o espaço que as leituras biopolíticas vão ganhando nas pesquisas nesse mesmo período, alimentadas também pelo aumento da circulação no país dos escritos sobre gênero e sexualidade de Judith Butler e Beatriz Preciado (ou Paul Preciado), proporciona uma espécie de salto que torna pertinente e atual uma proposta de aproximação entre Comunicação, Estética e Políticas do corpo. Uma confluência que estava latente e que se atualiza com iniciativas como a criação do Grupo de Pesquisa Estética, Políticas do corpo e Gêneros junto à Intercom, celebrada com a publicação desse dossiê.

O cenário mapeado acima se materializa desde em pesquisas que analisam enquadramentos midiáticos dedicados às minorias ou às militâncias e os usos das mídias por movimentos sociais, até aquelas que - em diálogo mais próximo com a proposta do GP - investigam os produtos e processos da cultura midiática como espaços de disputas, tensões, fricções, torções e por vezes reorganizações de discursos e poderes instituídos, valorizando uma virada em direção às micropolíticas e suas formas de resistência, ou mesmo proporcionando o entendimento das negociações envolvidas na visível apropriação das militâncias pelo capital.

A quantidade de artigos recebidos e a variedade de objetos de estudo e de horizontes teórico-metodológicos que emergem dos trabalhos indicam a valorização de abordagens interdisciplinares, promovendo diálogos entre a Comunicação e a Filosofia, Biopolítica, Teoria Queer, Estudos de gênero, História, Antropologia, Sociologia, Estudos das relações étnico-raciais e Música e Estudos da Performance.

Os objetos aos quais os textos se dedicam sugerem que a chamada para o dossiê se constituiu, afinal, como convite a refletir sobre o contemporâneo e suas experiências,

sensibilidades, sociabilidades e formas de subjetivação. Ou, como quer Georges Didi-Huberman (2016), a um olhar à aparição das coisas e não à sua essência, fundamental nos momentos em que pesquisadores são compelidos a pensar no presente tal qual uma borboleta, metáfora à qual o autor recorre para dizer da importância de observar os fenômenos durante a sua manifestação e não apenas de forma retrospectiva. Didi-Huberman afirma que prefere ver a borboleta voando, ainda que seu movimento torne impossível pregá-la num quadro de cortiça para determinar definitivamente qual a sua cor. Todos os artigos desse dossiê se dedicam, do mesmo modo, à coisa viva, e dão conta de um conjunto de questões cuja relevância e atualidade estão assentadas no mundo histórico, em toda a sua atual complexidade.

REFERÊNCIAS:

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?*. São Paulo: Editora 34, 2016.

HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

PARRET, Herman. *A estética da comunicação: além da pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a Arte: a estética pragmatista e a cultura popular*. São Paulo: Editora 34, 1994.